

CASA DE OMOLOKÔ OBANUGA

BRASÍLIA-DF

O início de nossa raiz de Omolokô ocorreu na época da escravidão. Do ponto de vista religioso, somos descendentes de Mãe Hilda de Ogun, que por sua vez descendeu de Pai Gerson de Xangô, ou Fujeko, como também era conhecido. Pai Gerson foi feito por Roxinha que descendeu de Lili. Lili era filha de Henriqueta e Henriqueta filha de Maria Obatayo. Maria Obatayo foi feita por Obakayode cuja antecedência perdeu-se no tempo.

Não temos muitas informações do passado mais remoto de nossa raiz. A tradição de transmissão oral muito presente na cultura africana deixou de cristalizar este passado remoto em documentação escrita. Na década de 60, quando tive meus primeiros contatos e comecei a participar desta raiz, ouvi em várias ocasiões relatos dos mais antigos sobre Maria 'Batayo e 'Bakayode, conforme citavam. Soube então que Maria Obatayo foi feita por Obakayode e que ambos eram africanos. Diziam também que Maria Obatayo fora escrava e que foi posteriormente libertada porque cuidou da saúde do filho do patrão, e este por gratidão lhe alforriou e lhe deu uma casa para morar. De Obakayode, diziam apenas que veio liberto para o Rio e que trouxera o seu assentamento de Xangô da África. Pesquisas posteriores realizadas por uma roça prima na nossa, a Casa Grande, conseguiram localizar a Casa de Santo de Maria Obatayo, conhecida na época por Casa Nagô, hoje uma escola. Os resultados destas pesquisas estão disponíveis na internet no endereço www.omoloko.org.br publicado pela Casa Grande. A compilação destes fragmentos de história nos conduz às proximidades de 1888, data da promulgação da lei Áurea, como o início de nossa raiz no Brasil, e sua origem Nagô. Do período Roxinha, Lili e Henriqueta, diziam que foram contemporâneas entre si, e que Pai Gerson foi feito aos 9 anos de idade.

Pai Gerson faleceu com 63 anos em 1977, tendo sido iniciado aos 9 anos, portanto em 1923. Não sabemos quando Pai Gerson abriu sua casa, mas Mãe Hilda já estava junto com Pai Gerson desde 1948 e já o conhecera com casa aberta a mais de três anos, conforme ela dizia.

O período de Maria Obatayo passando por Henriqueta, Lili e Roxinha deve ter se transcorrido, portanto, nos 60 anos que se passaram entre 1888 e 1948, ou talvez um pouco mais, considerando que Maria Obatayo já era livre em 1888, ou talvez menos já que não conhecemos as datas de falecimentos das mesmas.

A origem Nagô de nossa raiz fica claramente demonstrada pelo nome "Casa Nago" da casa de santo de Maria Obatayo, e pode ser confirmada pelos nomes yorubás Obatayo e Obakayode, portanto Nagôs. Os nomes yorubás trazem significados específicos: Obatayo quer dizer "O Rei que é alegre" e Obakayode quer dizer "O Rei que chegou chegou alegre", ambos os nomes sugerindo que Obatayo e Obakayode eram de Xangô. Algumas cantigas do axé da casa parecem indicar a cidade de Oyó para o berço da raiz, em função de singularidades de pronúncias.

Conforme dizíamos, Mãe Hilda já estava junto com Pai Gerson desde 1948 e já o conhecera com casa aberta a mais de três anos, no Beco Rita Vieira, 40, em Madureira-Rio de Janeiro. Na época ele tinha 34 anos, e o barracão ainda era de madeira. O nome da casa de santo de Pai Gerson era Tenda Espírita dos Humildes e seu estatuto indica a inauguração da sede em alvenaria em 4/12/1954.

Oriundas da Tenda dos Humildes saíram as roças de Mãe Hilda de Omolu, Mãe Corina de Xangô, Mãe Fátima de Oxalufã em Vaz Lobo, Mãe Palu de Omolu em Anchieta, Mãe Maria Luíza, Mãe Jandira, Mãe Carmem de Obaluaye com casa em Rocha Miranda, todas no Rio de Janeiro, além de Mãe Ruth em Brasília, continuando ainda abertas a casa de Mãe Hilda de Ogun, já falecida, hoje dirigida por seu filho

natural Pai Jorge de Obaluaye, casa da qual descendemos, e as casas de Mãe Palu e Mãe Jandira. Mãe Maria Antonia de Obaluaye montou sua casa após o falecimento do Pai Gerson e ainda a mantém aberta em Vila Valqueire.

De nosso conhecimento, citamos abaixo alguns nomes adicionais de filhos de santo de Pai Gerson:

Mãe Hilka de Nanã, Mãe Zéfa de Xangô com obrigação de 21 anos em 2003 na casa de Mãe Hilda, Marlene de Ossain, Mãe Gisela de Xangô, Jibona Odete de Ogun, Ogan Pedro, Ogan José Benistes hoje do Axé Opo Afonjá, Ogan Ari de Oxossi, Ogan Kimura, Ogan Afonso, Ogan Baião, Ogan Fritz.

Mãe Hilda de Ogun faleceu em 2/08/2008, e foi mãe pequena da Tenda dos Humildes até o falecimento de Pai Gerson, construiu a sede definitiva de sua casa em 23/04/1988 em Magé, hoje dirigida por seu filho natural e herdeiro, o Pai Jorge de Obaluaye com o nome de Casa Omelokô Caboclo Ventania, estando hoje com perto de 30 filhos de santo, dos quais citamos: Mãe Cátia de Oyá com casa aberta em Sepetiba, Mãe Pequena Maria de Belmiro de Omolu, Mãe Pequena Elma de Obaluaye, Ogan Nélio, Ogan Rui de Nanã, Ebami Zéfa de Xangô oriunda da Tenda dos Humildes, Ebami Vânia de Oxala, Ebami Ângela da Oxum, Ebame Iraci de Oyá, Ebami Vilma de Oyá, e Antonia de Oxalá.

Pai Marco de Xangô foi feito por Mãe Hilda, é o babalorixá da Casa de Omelokô Obanuga em Brasília. Nascido em 1945, tem o seu passado religioso iniciado no Kardecismo na cidade natal em Itanhomi-MG, religião de seu pai natural, mudando-se para Brasília em final de 1959, e passando então pela Umbanda nos anos 60, e em seguida participando do Omelokô a partir de 1964 com um grupo em Brasília vinculado à Tenda Espírita dos Humildes de Pai Gerson no Rio de Janeiro. Viajava com certa frequência ao Rio, onde participava de festividades e dos andamentos dos trabalhos religiosos que lá ocorriam. Este grupo de Brasília passou a se reunir semanalmente a partir de dezembro de 1978 em uma instalação provisória e alugada no Setor de Indústria de Taguatinga. Em 1991, Pai Marco de Xangô inaugurou uma sede própria de sua casa de santo, embora ainda provisória na Colônia Agrícola Sambambaia, Vicente Pires, onde permanece até os dias atuais.

Posteriormente ao falecimento de Pai Gerson, Marco de Xangô se iniciou com Mãe Hilda fazendo todas as suas obrigações e obtendo o seu deká, e reinaugurando sua casa em agosto de 1993, com a atual sede definitiva no mesmo endereço, na Colônia Agrícola Samambaia, rua 4, chácara 7, lote 1-Vicente Pires. Desde então vem dando continuidade à sua raiz através das obrigações dos seus filhos: Ogã Adriano, Ogã Fábio, e rodantes, Dulce de Obaluaiye, Lilian de Oxossi, Luciana de Yemoja, Priscila de Oyá, Weber de Ogun, Fabiana da Oxum, Rui de Oxalá e Selmo de Ogun além dos outros filhos ainda não iniciados. A casa tem como Mãe Pequena a Iraci de Oyá, esposa do Pai de Santo Marco de Xangô e filha de santo de Pai Jorge de Obaluaiye, como Jibona a ebami Elma de Obaluaiye irmã natural de Marco e também filha de Pai Jorge. Além dos ogans já citados, também colabora habitualmente na casa com o cargo de Ogan Alabê o Marcelo de Nanã oriundo da Casa da Ruth da mesma raiz em Brasília, e hoje inativa. Pai Marco de Xangô vem paralelamente atendendo um perfil variado de pessoas iniciadas e leigas através de consultas, realização de trabalhos e orientações, constituindo um amplo círculo de amizade e reconhecimento do público em geral e das outras casas e personalidades da matriz afro-brasileira através dos contatos realizados e recíprocas colaborações e manifestações de solidariedade frequentemente trocadas.

Do ponto de vista social, a Casa de Omoloko Obanuga vem promovendo desde 2006 um curso regular da língua yorubá ministrado pelo pai de santo e aberto para todas as pessoas interessadas, com aulas semanais, já contando com alguns alunos bastante adiantados e outros ainda iniciantes. O curso é suportado por uma cartilha elaborada pelo pai de santo e construída especificamente no contexto Orixá com objetivo de divulgar os conhecimentos da língua aos interessados. Com objetivos de divulgação da

cultura e da religião e na redução de preconceitos, o pai de santo tem também atuado junto às universidades e contribuído com palestras, quando convidado.

A Casa de Omoloko Obanuga promove anualmente uma grande festa ao orixá Xangô que se dá sempre no sábado mais próximo de 30 de setembro de cada ano. Além da oportunidade de uma grande confraternização envolvendo inúmeras personalidades e participantes de casas de outras raízes da matriz afrobrasileira e simpatizantes em geral em conjunto com o pessoal da casa, a motivação da festa encontra a oportunidade da realimentação do axé pelas obrigações que sempre as antecede, e na divulgação da religião através de convites com textos cuidadosamente e especialmente elaborados.

A Casa de Omoloko Obanuga desenvolve também os toques e comemorações dos outros orixás, segundo um calendário bem definido.

Conceitualmente a Casa de Omoloko Obanuga adota o sincretismo dos vários segmentos africanos, entendendo que orixá, inkici e vodun são representações das mesmas divindades que se diferenciam apenas nos seus aspectos materiais como roupagens e idiomas. Esta é uma herança muito própria da raiz de omoloko, e é frequentemente compartilhada por participantes de outras raízes. Assim os cantos em idiomas diversos podem se suceder, compartilhando línguas africanas e português, segmentadas muitas vezes dentro da mesma cantiga. Esta particularidade é resultado da história do Omolokô, quando Obatayo, Roxinha, Lili, etc., tinham, nos seus toques e rituais, participantes de descendências africanas diversas e que se uniam como irmãos, forçados pelo exílio da terra mãe e cantavam:

“Mina, Congo e!

Oh! Irmãos...

Mina, Congo e!

Oh! Irmãos...

Olha a chuva e vento... Oh! Irmãos

Dizem Mina e Congo e! Oh irmãos”

Os pretos velhos e caboclos também são cultuados na casa em cerimônias independentes, no espaço e no tempo, aos cultos dos orixás. Uma ênfase maior é dada a estes segmentos ao longo da quaresma, quando tradicionalmente as nossas atividades ligadas ao orixá são reduzidas. As cerimônias ligadas aos pretos velhos possuem muitos elementos do sincretismo cristão, como não poderia deixar de ser. Algumas cantigas são muito antigas e são cantadas em línguas africanas misturadas ao português, outras cantigas mais novas possivelmente, são cantadas apenas em português.

A Casa de Omoloko Obanuga se sente honrada em poder cumprir as tradições de sua raiz.

Marco Silva

Babalorixá

Casa de Omoloko Obanuga

Brasília-DF, 15/03/2010.

